

ENTRE A FÁBRICA, O SINDICATO E O GABINETE DE LEITURA: ESPAÇOS, PRÁTICAS E MEIOS DE DIFUSÃO CULTURAL ANARQUISTA E SOCIALISTA EM PORTO ALEGRE (1900-1910)

Eduardo da Silva Soares¹
Glauca Vieira Ramos Konrad²

Resumo: O presente estudo procura apresentar os trabalhadores ocupando distintos espaços, ou seja, tanto o da fábrica, seu lugar de trabalho até as associações, sindicatos, e eventos organizados por militantes anarquistas e socialistas em Porto Alegre entre os anos de 1900 a 1910. Desta maneira, objetiva-se perceber os momentos, seja de trabalho ou lazer e formação identitária nos espaços ocupados pelos grupos militantes, o que inclui não só o cotidiano da fábrica, mas também as ruas da cidade, lar e sindicatos, situando o operário a partir da sua vivência como agente da sociedade em que se insere. Procura-se, a partir das experiências cotidianas e dos objetivos dos grupos dos quais integra, vislumbrar as ações, espaços e meios de difusão cultural que são protagonizados pelos seus integrantes, associações e os movimentos resultantes destas elaborações. Enfim, ao procurar a construção de elementos que norteiam a identidade dos grupos militantes, investigam-se quais as principais ferramentas utilizadas para atrair e inserir os trabalhadores enquanto sujeitos nas determinadas organizações militantes. Em linhas gerais, esta pesquisa ajuda a perceber os elementos de identidade que aproximam e distanciam um grupo do outro. Por fim, visa-se debater e colaborar com os estudos sobre a formação das classes trabalhadoras gaúchas quanto os caracteres de suas manifestações.

Introdução

Os trabalhadores anarquistas e socialistas em Porto Alegre entre os anos de 1900 a 1910 ocupam vários espaços da cidade, seja o da fábrica, seu lugar de trabalho até as associações, sindicatos, e eventos organizados por militantes. Sendo assim, esta investigação discute a *cultura de classe*³, cotidiano e eventos organizados e protagonizados pelo operariado ligado a duas ideologias que identificaram parte do operariado desta cidade⁴. A principal fonte

¹ Universidade Federal de Santa Maria e mestrando em História e bolsista CAPES. Endereço eletrônico: eduardosoares@rocketmail.com.

² Universidade Federal de Santa Maria. Doutora em História. Professora do Programa de Pós Graduação em História. Endereço eletrônico: glauca-k@uol.com.br

³ Francisco Foot Hardman (2002) alerta que “a utilização do termo *cultura*, entretanto, envolve as contradições e variações de sentido que esse conceito adquiriu historicamente” (p. 40). E, inspira-se neste autor quando ele utiliza as considerações de Raymond Williams, que diz que “os conceitos mais básicos – os conceitos, como se diz, dos quais partimos – não são conceitos, mas problemas, e não problemas analíticos, mas movimentos históricos ainda não definidos” (1979, p. 18 *apud* HARDMAN, 2002, p. 40-41).

⁴ A maior e mais influente greve do período é a de 1906. Esta greve é estudada por vários autores, entre eles, Benito Schmidt (2002) e Isabel Bilhão (1999). Schmidt traça a participação de Francisco Xavier da Costa e Carlos Cavaco na greve, além de apresentar um histórico dos acontecimentos anteriores quanto os resultados da



de estudo são o periódico *A Luta* (anarquista) e o *A Democracia* (socialista). Ao se referir em *cultura*, diz-se que ela é tratada com:

diversos significados, entre eles dos que resultam pertinentes para esta indagação: “conjunto de conhecimentos que permite a alguém desenvolver seu juízo crítico”, e “conjunto de modos de vida e costumes, conhecimentos e grau de desenvolvimento artístico, científico, industrial, em uma época, grupo social, etc.”. Ambas acepções remetem a uma etimologia esclarecedora: do latim *cultura* = cultivo, em sentido físico e espiritual, o que denota a ideia de trabalho e conota as de criança, educação e transmissão. Se trata, pois, em ambos casos, do resultado de um processo social, em que o que se envolve agentes que de forma ativa – porém, nem sempre consciente – reproduzem valores, sentimentos, atitudes, saberes. Há, em consequência, dois supostos inevitáveis: a variedade e a temporalidade; se trata de *conjuntos* que se constroem *historicamente*. (ZUBILLAGA, 2011, p. 7).

E mais delimitadamente como o “complexo tecido de ideias, sentimentos, fantasias e aspirações, um conjunto de crenças e padrões de comportamento” (GINZBURG, 1982). Se fazendo lembrar que a cultura por ser historicamente formada⁵, está contrastada com a política, economia, sociedade e todos os aparatos que compreendem a história⁶. Os fins desta pesquisa são os de investigar as produções e investimentos voltados para os pares de classe, deste modo, a cultura produzida *pelos* operários, *para* os trabalhadores e *consumido* pelo proletariado e familiares⁷. Sem perder de vista os conteúdos destas produções.

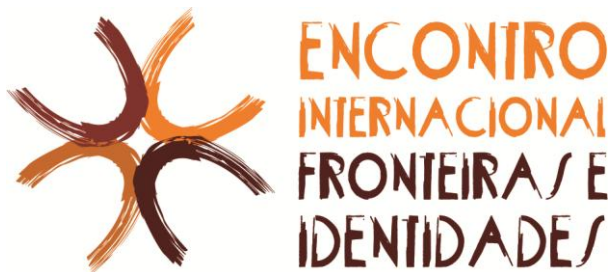
Procura-se, a partir das experiências cotidianas e dos objetivos dos grupos dos quais integra, vislumbrar as ações, espaços e meios de difusão cultural que são protagonizados pelos

greve. Já Bilhão, investiga através dos jornais e de um processo-crime movido por Francisco Xavier da Costa contra Henrique Martins, resultando em Costa como vencedor de causa. Já para explicar a rivalidade que os jornais apresentam, a autora resgata alguns elementos da greve, quando os anarquistas desejam e reivindicam as 8 horas de jornada de trabalho, sem diminuição do salário, e os socialistas tomam a liderança dela, negociam e fecham acordo com os empresários. A jornada de trabalho fica estabelecida em 9 horas, fato que fere a relação dos libertários com os socialistas, e como outro resultado, isso faz crescer a rivalidade no interior do movimento operário porto-alegrense.

⁵ Refletindo a partir dos processos inacabados de E. P. Thompson.

⁶ Deve-se considerar que o agir racional humano sempre se atualiza por ideias. O conjunto dessas ideias forma uma cultura onde os sujeitos e comunidades se encontram, ou se reencontram, e estipulam objetivos, metas e fins. E se trabalha com a consciência de que cultura é um fator dinâmico de ação, formação e transformação produzida por um agir racional humano. Pode-se falar que “ideia” é um termo que designa um conjunto de convicções, crenças, opiniões, interesses e motivos, conjunto que, adotado pelo agente racional humano, individual ou coletivamente, determina o seu agir. (BATALHA, SILVA, FORTES, 2004)

⁷ Saliencia-se que “a cultura nem sempre é o ponto central da análise, mas permeia a investigação de questões relativas à política, organização do trabalho, empresa, vizinhança etc” (BATALHA, SILVA, FORTES, 2004, p. 12). Portanto, dialoga-se com as ações que visam formar as *culturas de classe* proposta por anarquistas e socialistas. Desta forma, “buscamos enfatizar a diferença entre a ‘condição operária’ e o processo de reelaboração de experiências que assumem a forma de uma identidade de classe, assim como destacar a pluralidade das suas manifestações” (p. 12).



seus integrantes, associações e os movimentos resultantes destas elaborações. Basear os estudos em jornais se baseia no pensamento que eles são as principais fontes de divulgação da organização, das perspectivas e das reflexões de classe do período⁸ (FERREIRA, 1978). São nos jornais que as lideranças publicam livremente as suas ideias e convicções. E a partir das publicações podem-se perceber algumas relações de *poder*, seja em relação aos pares, com o patronato e também com a “grande política”, ou seja, com o Estado⁹. Deste modo, utiliza-se a reflexão e o conceito de *poder* como uma forma de relações humanas a partir da experiência do sujeito e da posição social e hierárquico no grupo.

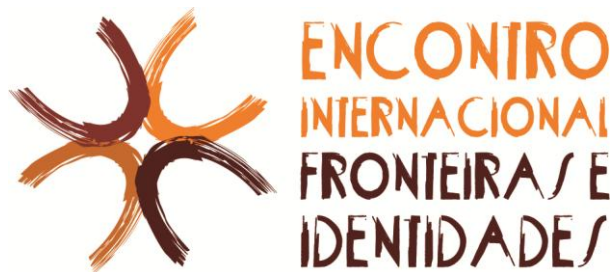
Através dos discursos disciplinares, podem-se compreender alguns fragmentos da relação que a *cultura* destas classes trabalhadoras tem com a *cultura de elite* (política, econômica, religiosa e intelectual). Zubillaga (2011) alertou que “a separação entre” estas culturas “deve considerar-se mais que uma linha ou um espaço, uma fronteira móvel e permeável, em que as mutuas influencias evidenciam protagonismos que sorteiam as atribuições sociais obvias” (p. 9). E utiliza-se de empréstimo a reflexão de que devem-se vislumbrar os aspectos econômicos, políticos e sociais para assim elucidar algumas características peculiares das *culturas de classe*.

Em outras palavras, a *cultura operária* dotada do sentido de que ela se “refere ao conjunto de bens ou símbolos culturais produzidos *em e pela* classe operária a partir de suas experiências organizativas e ao serviço dos fins que estas perseguem” (ZUBILLAGA, 2011, p. 10). Hobsbawm (2000)¹⁰ atribui que são vários elementos que “compõem os estilos de vida, cultura e movimentos característicos da classe operária” (p. 262). E a partir destas reflexões,

⁸ Duas obras são fundamentais para este estudo, a primeira é a *Antologia do Movimento Operário Gaúcho – 1870 – 1937*. Esta obra é produzida em coautoria com Maria Elizabeth Lucas (1992), e a segunda, organizada apenas por Petersen (2001) é *Que a União Operária Seja Nossa pátria! História das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Nestas obras alguns documentos são apresentados e debatidos com breves históricos da sua criação. Nestes livros há estatutos e referências de jornais, sendo um guia determinante para conhecer as fontes do período.

⁹ É importante frisar que os oprimidos se relacionavam com os seus opressores, ou seja, com os componentes da “grande política” e o patronato. Neste sentido, conhecer os pensamentos dos “burgueses” – assim como são referendados – traz a possibilidade de saber quais são os mecanismos de dominação, e inclusive, de disciplina em relação aos trabalhadores. Indo de encontro a estas necessidades, encontra-se na obra de Pesavento (1988) uma fonte rica em informação sobre a disciplina do trabalho, que ia, segundo a autora, da forma ordeira de trabalhar até a educação com escolas ligadas à fábrica.

¹⁰ Na verdade o autor discute sobre a cultura da classe ainda no século XIX na Grã-Bretanha. No caso, o autor estaria tecendo seus estudos sobre os resquícios históricos e os influenciadores da formação da cultura dos trabalhadores, assuntos os quais pode-se problematizar e trazer para o recorte aqui proposto.



apura-se que é pertinente investigar a relação dos eventos de sociabilidade e seus caracteres. Sem esquecer de se preocupar com o que Porrini (2013) ao estudar o movimento anarquista em Montevideu evidencia ao afirmar que há “diferenças fundamentalmente de sentido, apontavam a criar espaços e experiências para viver ou construir a sociedade desejada” (p. 360). Desta forma, o protagonismo das ações voltadas para a luta de classes deve ser percebida por diversos ângulos, e um deles é a construção de uma cultura peculiar.

É a partir destas problematizações e levantamentos que se encaminha para o primeiro capítulo deste artigo. Afinal, quem são estes sujeitos que protagonizam a vida social e o movimento operário em Porto Alegre do início do século XX? E quais são os lugares que eles podem frequentar para ocupar o tempo livre e sociabilizar com os seus pares? E como última indagação, quais são as atividades que estas pessoas encontram oportunizadas e que tem origem dos sindicatos ou outros espaços para os operários?

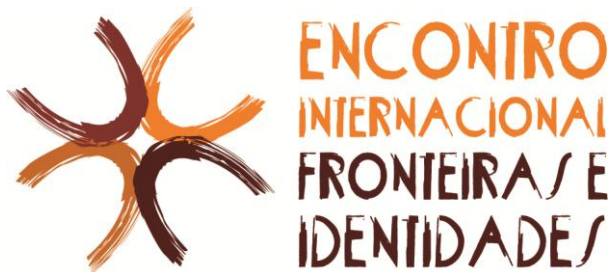
Porto Alegre: contexto e operários

Quanto ao contexto porto-alegrense, é possível evidenciar que existiam muitos problemas de moradia, como também de alimentação, saúde e no trabalho (SILVA, 2010). Desta forma, visando organizar a resistência ideológica, além de almejam conquistas econômicas e políticas, os operários organizaram-se em associações e sindicatos (BILHÃO, 1999, 2005). E com estas organizações os posicionamentos em relação à realidade foram apresentadas¹¹ nos seus respectivos jornais, ou seja, conforme a indicação ideológica as produções ali eram publicadas¹².

Em linhas gerais, é necessário perceber os elementos de identidade que aproximam e distanciam um grupo do outro para que assim a cultura destas vertentes seja interpretada de

¹¹ Os discursos que dão conta da exploração de uma classe sobre a outra seguem alguns eixos, entre eles, têm-se: acesso à propriedade e aos produtos resultantes do trabalho; hierarquia política, econômica e social; e com um processo de legitimidade ancorado no Estado e religião. “Nesse olhar, o trabalho enquanto emprego, não carece ser visto como o único ou o principal eixo da classe social”, já que existem as pressões estruturais, e os trabalhadores, a partir de então, agem através da elaboração de estratégias para melhorar as suas condições, neste ponto, “é tão relevante olhar para as estratégias de vida atualizadas nos bairros urbanos e nos lares quanto para o processo de trabalho em si mesmo” (SAVAGE, 2004, p. 33), ou seja, procurar nos eventos de sociabilidade, lazer e, conjuntamente das atividades protagonizadas pelas organizações de classe.

¹² Adhemar Lourenço da Silva Jr (1996) conclui que os estatutos das associações, sindicatos e grêmios não continha a orientação ideológica. Esta indicação é encontrada pelos nomes de lideranças e com as produções e os caracteres delas.



maneira a colaborar com a memória das lutas protagonizadas por eles. Portanto, encontrar e dialogar os indícios que dão conta de explicar as (re)significações e (re)valorizações orientadas pelos organizadores destes eventos.

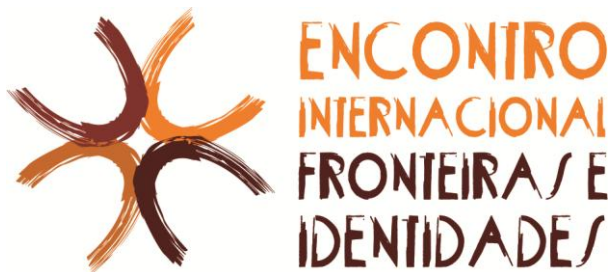
Enquanto ao contexto político, pode-se afirmar que a “situação de organização da República no Rio Grande do Sul foi peculiar em relação aos demais partidos republicanos estaduais por não congregar a elite agrária da região”. O diferencial é que esta elite “se encontrava próxima à monarquia, compondo o Partido Liberal”. Outro ponto crucial para compreender a história política deste estado é o de estudar a “oposição organizada no período de 1895 a 1897”, a qual gerou “uma violenta guerra civil”. O partido de posição vence, no caso, “o PRR foi bem sucedido, nacionalmente, devido à articulação de seus membros em apresentarem-se como a única alternativa republicana no Estado”. Neste conjunto, a tática para enfrentar os adversários foi o de ir “identificando os grupos oposicionistas com tentativas de restauração monárquica” (WEBER, 1999, p. 40-1).

Júlio de Castilhos assumiu o governo até 1898, quando passou o cargo a Borges de Medeiros, que se reelegeu até 1928, havendo um mandato em que foi substituído por um outro republicano histórico, Carlos Barbosa Gonçalves, mas com o controle do partido em suas mãos. (WEBER, 1999, p. 41)

Esta ideia de continuidade é encontrada “em Porto Alegre”, onde “apenas três intendentess assumiram no período de 1896 a 1937”. Porém, com isso não se nega que há “uma intensa disputa pela chefia do executivo municipal até essa data, com sete pessoas assumindo o cargo”¹³ (WEBER, 1999, p. 41).

Os aspectos econômicos são diversos. Mas cumprindo o objetivo delimitado, fala-se apenas de Porto Alegre. Nesta cidade, a indústria se desenvolvia e a cidade crescia. Enquanto que há a presença de trabalhadores nacionais, há também os imigrantes da Europa. Estas pessoas disputam as vagas de empregos e muitas ficam como “exército industrial de reserva”. Já sobre as primeiras fábricas, percebe-se que elas são vinculadas “ao circuito de acumulação de capital comercial na área do chamado complexo colonial imigrante”. Fato este que distingue a criação destas indústrias em relação ao centro do país. É importante salientar que

¹³ Destes sete, três são presidentes da Junta Municipal, um administrador municipal, dois intendentess nomeados pelo Governo e um eleito de forma indireta.



“o parque industrial gaúcho ofereceu um grande número de pequenas empresas, com reduzido capital, caracterizada pela presença do trabalho artesanal” (PESAVENTO, 1988, p. 19).

Na lógica capitalista da época, os trabalhadores são considerados como peças da grande máquina que a indústria é. Enquanto que se percebe na penetração das máquinas e na forma do trabalho humano uma racionalização da produção. Procura-se economizar o tempo, suprimir os gastos desnecessários, tudo isso aperfeiçoando a divisão social do trabalho a partir, e através do “controle do tempo do trabalhador pela classe dominante” (RAGO, 1984, p. 10).

Desta forma, identifica-se no taylorismo como “um dos caminhos através dos quais a burguesia constituiu a sua dominação sobre as classes trabalhadoras e sobre toda a sociedade” (PESAVENTO, 1988, p. 21). Convém refletir que o controle moral da população não se limita apenas ao patronato, mas ao Estado também. Procura-se com “as reformas urbanas e sociais (...) uma cidade que seria organizada, higienizada e regrada, em que se pudesse transformar a conduta dos homens e mulheres” (CARDOZO, 2013, p. 60).

Assim, tanto o modo de produção quanto a lógica moral da sociedade transformam as relações humanas. Na verdade, estas estruturas pressionam as pessoas e estas agem conforme conseguem, dentro dos limites, deste modo, protagonizam a resistência, a luta e até legitimam estas condições. Pensa-se assim que a reflexão de E. P. Thompson sobre a experiência vivida e experiência percebida¹⁴, é válido para compreender qual é o público, ou melhor, quem são estes operários porto-alegrenses.

Espaços e meios de difusão cultural na Porto Alegre dos anos 1910

Os espaços e os meios de difusão cultural são plurais. Afirmar isto significa levantar pontos que demonstrem que estas lideranças preocuparam-se em ocupar espaços distintos objetivando difundir os seus ideais, lugares, como por exemplo: chácara, ruas da cidade,

¹⁴ Existe uma fina articulação entre a experiência vivida e a experiência percebida como uma maneira possível de “explicar a mudança histórica com alguma racionalidade” (THOMPSON, 1981, p. 406). Estas experiências históricas conjuntamente com suas articulações são contínuas e inevitáveis. Aqui são tratadas como a função de exercer pressão sobre a consciência social. Nesta lógica, percebe-se que elas determinam a construção de materiais humanos conscientes de seus limites, oportunidades e possibilidades na sociedade de classes. E com essas reflexões pensa-se que o conceito de experiência histórica colabora para a compreensão de que as classes sociais não são separadas uma das outras, ou ainda, propor graus de importância e autenticidade entre elas.



sindicatos, os gabinetes de leituras por eles organizados e as fábricas. Já as atividades giram em torno de pic-nics, passeatas, assembleias e reuniões, quanto também há a organização de momentos nos quais formam grupos de estudos sobre temas variados.

O que chama a atenção para os eventos realizados nestes locais é a relação de *poder* que os líderes possuem entre os seus pares. Torna-se assim importante salientar que a presença deles com as influências que possuem são determinantes para o projeto político que almejam¹⁵. A coletividade o legitima e os seus discursos criam os aportes que o destacam como tal. As suas influências são exercidas através do convívio com a própria classe quanto em relação com as demais, desempenhando - tal como é feito por Xavier da Costa e Carlos Cavaco em 1906 – a função de intermediador nos momentos de greve ou atritos entre os operários e o patronato.

Mas convém dizer que os eventos são anunciados ao público pelos jornais operários e estão expostos a censura da polícia. Um exemplo a destacar é o da organização de um *meeting*¹⁶ pelos padeiros, a qual a nota publicada consta:

Os padeiros

Foi distribuído o seguinte convite:

“Padeiros!! Também nós temos direitos sagrados a reclamar! Ficam, pois, todos os padeiros convidados para o *meeting* que terá logar amanhã, 7 do corrente, às 10 horas do dia, na praça Navegantes.

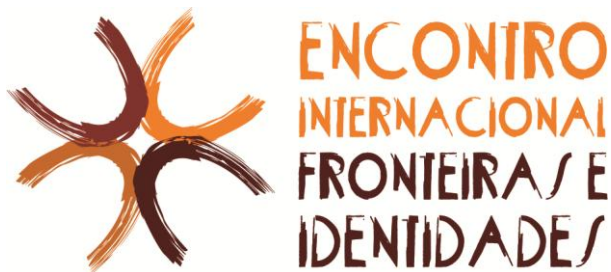
Serão oradores os nossos companheiros Xavier da Costa e Carlos Araujo (Cavaco). A comissão”.

Ficou transferido esse *meeting*, segundo se disse, por ter sido proibido pela polícia (A LUTA, 10 de outubro de 1906, p. 2).

A presença de policiais demonstra a preocupação do governo de manter algum controle sobre o que ocorria entre os operários. Com isto, o aparato policial conseguiria prevenir eventuais ataques de militantes a ordem social, ou em outra entonação, a “paz pública”. O interessante é a capacidade de formação de discussões sobre assuntos polêmicos para a época, e alguns, diga-se de passagem, continuam atuais. Deste modo, em fevereiro de

¹⁵ Neste sentido, Adhemar Lourenço da Silva Jr (1996) publica que os sindicatos não possuem orientação escrita em seus estatutos, mas é a presença do líder que diz qual orientação política que a organização segue. Porém, isso não significa afirmar que os integrantes do sindicato identifiquem-se com a ideologia da liderança.

¹⁶ Espécie de reunião.



1907 sai publicado que ocorreu uma conferência na Escola Eliseu Réclus¹⁷. O assunto é a propaganda antimilitarista que os líderes anarquistas organizam. Entre os oradores, há a presença do “menino Mario Rei Gil, aluno da *Escola Eliseu Reclus*, e em eloquentes palavras lançou o seu protesto contra o militarismo e exortou a mocidade trabalhadora” a não se tornarem assassinos “dos próprios irmãos para defender os interesses dos burgueses” (A LUTA, 22 de fevereiro de 1907, p. 2).

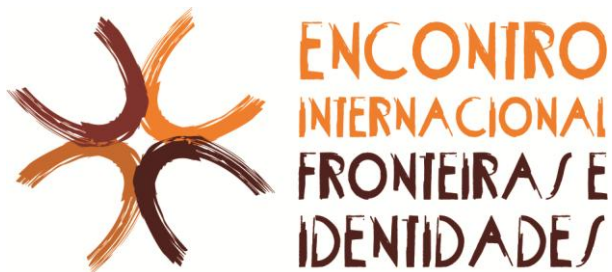
Apesar de não ter a descrição dos discursos na íntegra, percebe-se que os editores do jornal afirmam que “não nos alongamos mais sobre a conferência antimilitarista porque pretendemos, oportunamente, publicá-las na íntegra” (A LUTA, 22 de fevereiro de 1907, p. 2)¹⁸. Aqui, apresentam-se duas maneiras distintas de reunir o operariado em torno de eventos protagonizados pelas lideranças militantes. Se no primeiro exemplo o *meeting* é planejado em um espaço público, mais especificamente na praça Navegantes, o segundo já demonstra a presença dos trabalhadores em um centro tipicamente organizado para os interesses dos anarquistas, ou seja, em uma Escola de fundamentação libertária, científicista e racionalista.

Esta Escola se transforma em um centro operário de grande importância para os libertários. Ela tem vida efêmera e aos poucos desaparece as menções a ela das páginas do jornal *A Luta*, porém, enquanto estava funcionando, ela foi o palco da organização de um grupo filodramático que atua sob a lógica do teatro social. Este “novo *Grupo*, que tem encontrado da parte do operariado muito apoio, consta estreitar brevemente levando à cena um bom drama social”. Seguindo esta lógica, percebe-se que o teatro é utilizado como forma de propaganda, já que há o pedido para os “nossos coideanos do exterior que se interessam por esse meio de propaganda de nos remeter peças teatrais que obtiverem e que julguem atingir o nosso desiderato” (A LUTA, 15 de maio de 1907, p. 3).

Ao cogitar em falar de um calendário de eventos operários, encontra-se na data do *1º de Maio* o seu principal marco. Neste ponto, enquanto que o *1º de Maio*, dos socialistas

¹⁷ Escola de cunho libertário fundada em Porto Alegre em 1906 pelos militantes anarquistas desta referida localidade.

¹⁸ Os diálogos e esforços de um grupo que não se limita apenas aos anarquistas conseguem fundar no ano de 1908 a *Liga Anti-Militarista*. No caso, “*A Luta* à novel associação protesta o seu decidido apoio, oferecendo suas colunas para as publicações da Liga” (A LUTA, 9 de fevereiro de 1908, p. 3). Esse exemplo demonstra a proximidade que pelos menos alguns libertários conseguiram ter de outros grupos, ou ainda, de intelectuais que discutiam interesses diversos, seja de interesses em combater o militarismo ou de educação racionalista.



ocupa a rua com fileiras dotadas de estandartes e bandeiras carregadas pelos militantes simpatizantes desta forma de manifestação, evidencia-se entre os libertários a presença deles no *Salão 1º de Maio* com palestras e discursos diversos. Mas este salão é palco de outros eventos, tal como um baile quermesse em prol do jornal *A Luta*. A atividade ocorre e “foi extraordinário o número de famílias e cavalheiros que compareceram ao baile realizado”. Ainda “sendo de notar o entusiasmo e satisfação dos operários que ali foram levar o seu concurso à nossa festa” (A LUTA, 6 de janeiro de 1908, p. 2).

Apesar de estes espaços serem ocupados para difundir as suas propagandas ideológicas entre um discurso, apresentação e conferência. A noção de instrução está presente nestes meios, ou melhor, mecanismos de unir os trabalhadores em um mesmo espaço para que assim eles socializem entre os pares e aprendam e se informem sobre assuntos “dos operários”. Mesmo que considerando as atividades que reúnem os trabalhadores muito importantes para reforçar colocações que dão conta das ferramentas e conscientização sobre a luta de classes, são nos jornais que publicam com maior frequência os ideais de suas lideranças. Assim, percebe-se através do *Club Imprensa Operária* um exemplo de organização fundada “com o fim exclusivo de fazer a propaganda da reivindicação dos direitos do proletariado, por meio da publicação de jornais, panfletos, boletins, etc” (A DEMOCRACIA, 14 de fevereiro de 1907, p. 4). O próprio jornal *A Democracia* é editado e publicado por este clube.

Por fim, mesmo que alguns eventos não sejam levantados, utiliza-se dos supramencionados como exemplificações das práticas, dos espaços e dos conteúdos que as lideranças anarquistas e socialistas se apropriaram dando novas valorizações e significados. As atividades não se limitaram a reuniões onde um integrante “da classe” realizava um discurso, mas há a presença de bandas musicais, dramatizações teatrais, confraternizações com alimentação em forma de almoço ou pic-nic, entre outros exemplos. Assim se evidencia que é possível debater e colaborar com os estudos sobre a formação das classes trabalhadoras gaúchas quanto os caracteres de suas manifestações contrastando com os mecanismos e estratégias de luta de classe protagonizadas por estes militantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Os discursos parecem ter girado em torno de assuntos relativos às greves, organização dos trabalhadores nas esferas sindicais ou associativas. E ao tratar mais especificamente com cada grupo, percebem-se entre os socialistas as convocações de filiação aos partidos e a participação das crianças e dos operários nas escolas. Os anarquistas clamam os operários para se instruir na Escola Eliseu Réclus, fazem propaganda da ação direta e da solidariedade internacional como armas para o embate contra a burguesia.

A aparição pública das lideranças resulta na propaganda dos ideários de suas respectivas ideologias, porém, os discursos são pronunciados visando atingir todas as classes. Estes líderes exercem forte *poder* frente aos seus pares, sendo conclamados em vários momentos a realizarem participação nos eventos operários.

A partir dos jornais, é possível evidenciar que os operários escrevem a própria história, quando as suas produções são dotadas de intencionalidades e sentidos peculiares a cada grupo que as redige. É nos jornais que se torna possível verificar alguns pontos do cotidiano operário, como também os eventos de sociabilidade, lazer e formação educacional quanto de militância.

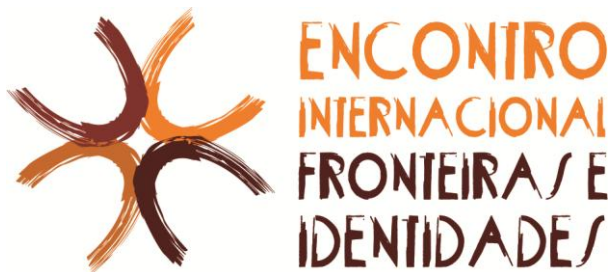
O termo *cultura* não encontrou um significado definitivo, ficando assim, no campo das problematizações e discussões sobre as práticas conscientes, seja material quanto imaterial das ações e atividades destes operários. Neste campo, as intencionalidades e as produções procuraram ser contrastadas e apresentadas, percebendo assim que os *operários* produziam os *eventos* que *visavam* ser *consumidos* pelos próprios trabalhadores.

Referências

A LUTA, Porto Alegre, 1906 – 1911.

A DEMOCRACIA, Porto Alegre, 1905 – 1907.

BATALHA, Claudio H, M. SILVA, Fernando Teixeira da. FORTES, Alexandre. **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.



BILHÃO, Isabel Aparecida. **Identidade e Trabalho: análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses (1896 a 1920)**. Porto Alegre: Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

_____. **Rivalidades e Solidariedades no Movimento Operário (Porto Alegre 1906 – 1911)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

CARDOZO, José Carlos da Silva. **Enredos tutelares: o Juízo dos Órfãos e a atenção à criança e à família porto-alegrense no início do século XX**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2013.

FERREIRA, Maria Nazaré. **A imprensa operária no Brasil – 1880 – 1920**. Petrópolis, Vozes, 1978.

GINZBURG, Carlo. **El queso y los gusanos**. Barcelona, Muchnik, 1982.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão!: memória operária, cultura e literatura no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

HOBBSAWM, Eric J. **Mundos do Trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930)**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. LUCAS, Maria Elizabeth. **Antologia do movimento operário gaúcho (1870-1937)**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS/Tchê!, 1992.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. **“Que a união operária seja a nossa pátria!”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações**. Santa Maria: editoraufsm; Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2001.

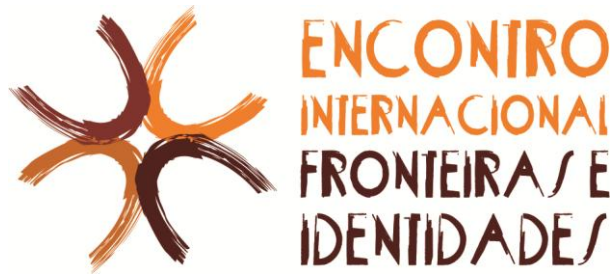
PORRINI, Rodolfo Carlos. **Anarquistas en Montevideo: ideas y prácticas em torno al “tiempo libre” de los trabajadores (1920-1950)**. História: Debates e Tendências – v. 13, n. 2, jul./dez. 2013, p. 357-371.

RAGO, Luzia Margareth. MOREIRA, Eduardo F.P. **O que é taylorismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SAVAGE, Mike. **Classe e história do trabalho**. In BATALHA, Claudio H, M. SILVA, Fernando Teixeira da. FORTES, Alexandre. **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004, p. 25-48.

SCHMIDT, Benito Bisso. **O Patriarca e o Tribuno: caminhos, encruzilhadas, viagens e pontes de dois líderes socialistas – Francisco Xavier da Costa (187? – 1934) e Carlos Cavaco (1878 – 1961)**. Tese de doutorado (Doutorado em História) Unicamp, Campinas, 2002.

SILVA, Nauber Gavski da. **Vivendo como classe: as condições de habitação e alimentação do operariado porto-alegrense entre 1905 e 1932**. Dissertação de mestrado (Mestrado em História), UFRGS, Porto Alegre, 2010.



SILVA JR., Adhemar Lourenço da.

THOMPSON, E. P. **“The Politics of theory”**. In: SAMUEL, Raphael (Ed.). **People’s history and socialist theory**. London: Routledge, 1981, p. 191.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1928**. Santa Maria: Ed. da UFSM; Bauru: EDUSC – Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

ZUBILLAGA, Carlos. **Cultura popular em el Uruguay de entresiglos (1870-1910)**. Montevideo, Linardi y Risso, 2011.